

ENTRE ALGORITMOS E DESINFORMAÇÃO: O PAPEL DO LETRAMENTO DIGITAL CRÍTICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

BETWEEN ALGORITHMS AND MISINFORMATION: THE ROLE OF CRITICAL DIGITAL LITERACY IN PRIMARY AND SECONDARY EDUCATION

 <https://doi.org/10.63330/armv2n7-026>

Submetido em: 05/08/2026 e Publicado em: 12/08/2026

ARM: e262088

Cecília Lima Corrêa de Oliveira

Especialista em História do Brasil

E-mail: cecilia.correa@educacao.mg.gov.br

Lattes: lattes.cnpq.br/1611286360840648

Swanson Abreu Saraiva Santos

Especialista em Tecnologias Digitais e Inovações na Educação

E-mail: swanson.santos@edu.unimontes.br

Lattes: lattes.cnpq.br/7863375236692221

Alcino Franco de Moura Júnior

Doutor em Administração

E-mail: alcinomoura@gmail.com

Lattes: lattes.cnpq.br/7947733583131601

Resumo

A inserção das tecnologias digitais e da Inteligência Artificial (IA) na educação intensificou de forma significativa o acesso às informações. No entanto, esse avanço instaurou desafios relevantes como as dificuldades em verificação da veracidade dos conteúdos e a propagação acelerada da desinformação principalmente entre os jovens. Nesse contexto, esse estudo busca analisar como a desinformação se manifesta de forma acentuada na sociedade principalmente por meio dos smartphones. A importância da pesquisa está na necessidade de compreender como o uso desregrado de instrumentos de IA e a dependência de dispositivos móveis podem comprometer o senso crítico e a autonomia intelectual dos discentes. Para tanto, a metodologia adotada consiste em uma revisão bibliográfica de abordagem quantitativa, fundamentada na análise de artigos científicos e obras especializadas sobre fake news e letramento digital. Os resultados evidenciaram a necessidade premente de ações educativas que desenvolvam o senso crítico dos estudantes na seleção de conteúdos, sobretudo em um contexto caracterizado pelo excesso de informações e pela desinformação.

Palavras-chave: Desinformação; Educação; Inteligência Artificial; Letramento Digital; *Smartphones*.



Abstract

The integration of digital technologies and Artificial Intelligence in education has significantly intensified access to information. However, this advancement has created relevant challenges, such as difficulties in verifying the veracity of content and the accelerated spread of misinformation, especially among young people. In this context, this study aims to analyze how misinformation manifests itself sharply in society, mainly through smartphones. The importance of the research lies in the need to understand how the disordered use of AI tools and dependence on mobile devices can compromise the critical thinking and intellectual autonomy of students. To this end, the methodology used consists of a qualitative literature review, based on the analysis of scientific studies and specialized works on fake news and digital literacy. As a result, the research intends to highlight the urgency of educational strategies that empower students to select and evaluate information critically in a scenario marked by information overload.

Keywords: Artificial Intelligence; Basic Education; Fact-Checking; Misinformation; Smartphones.

1 INTRODUÇÃO

A desinformação, embora frequentemente associada ao contexto tecnológico contemporâneo, não constitui um fenômeno inédito na história das civilizações. Desde os primeiros registros das sociedades humanas, diferentes formas de distorção narrativa foram utilizadas tanto como resultado das limitações na transmissão das informações quanto como instrumentos deliberados de influência social e disputa política. Nesse sentido, o conceito de “desordem da informação”, proposto por Wardle (2017), contribui para compreender esse fenômeno ao incluir tanto conteúdos falsos produzidos intencionalmente quanto informações incorretas compartilhadas sem a intenção de causar danos.

Na Antiguidade, a produção do conhecimento histórico estava diretamente relacionada às condições disponíveis de coleta e validação das informações. O historiador grego Heródoto, frequentemente denominado “Pai da História”, tornou-se conhecido por registrar acontecimentos a partir de relatos orais, observações pessoais e testemunhos recolhidos em viagens, sendo posteriormente alvo de críticas devido à presença de exageros e informações de difícil comprovação.

Segundo Funari (2010), os historiadores antigos não utilizavam sistematicamente documentos escritos nem dominavam, em muitos casos, os idiomas locais das regiões investigadas. Heródoto percorria os territórios relacionados aos acontecimentos narrados, consultava habitantes, observava paisagens, visitava templos e reunia informações que posteriormente organizava em seus registros históricos. Além disso, discursos atribuídos a personagens históricos frequentemente correspondiam a reconstruções elaboradas pelo próprio autor com base no que julgava plausível para cada contexto.



Nesse cenário, as narrativas históricas antigas, embora buscassem representar os acontecimentos de maneira fiel, estavam sujeitas às limitações da memória, da percepção e da interpretação das testemunhas e dos próprios historiadores (Bloch, 2001). Conforme discutem Le Goff (2013) e Ricoeur (2007), a memória não reproduz o passado de forma absoluta, sendo continuamente influenciada por emoções, experiências individuais e condições socioculturais. Somado a isso, a reduzida utilização de procedimentos sistemáticos de crítica documental na Antiguidade conferia aos relatos históricos um caráter predominantemente interpretativo.

Ao lado dessas limitações não intencionais na construção do conhecimento, a história também registra casos de manipulação deliberada da informação com fins políticos. Um exemplo emblemático ocorreu no período romano, quando Marco Antônio foi alvo de campanhas difamatórias articuladas por seus opositores durante o processo de disputa pelo poder. Conforme analisa Cabacinha (2025), Otaviano utilizou estratégias de construção narrativa envolvendo Marco Antônio e Cleópatra para enfraquecer seus adversários perante o Senado e o povo romano, favorecendo sua ascensão política e militar, culminando na vitória na batalha de Áccio, em 31 a.C. Esse episódio evidencia como a circulação estratégica de informações pode atuar como mecanismo de persuasão e legitimação política.

Esses exemplos históricos permitem compreender que a desinformação assume, ao menos, duas formas recorrentes: aquela decorrente das limitações humanas na produção e transmissão do conhecimento e aquela produzida intencionalmente para influenciar comportamentos e consolidar relações de poder.

Com a evolução dos meios de comunicação, as dinâmicas de circulação de informações também se transformaram. Se em períodos anteriores a propagação de conteúdos dependia da oralidade ou da lentidão dos meios escritos, atualmente os dispositivos digitais possibilitam um fluxo contínuo e instantâneo de dados. Nesse contexto, os *smartphones* consolidaram-se como principal meio de acesso à informação e interação social, especialmente entre jovens, favorecendo práticas de compartilhamento rápido que nem sempre são acompanhadas por processos de verificação e análise crítica (Farias, 2022).

Associado a esse cenário emerge o avanço das Inteligências Artificiais Generativas (IAG), tecnologias capazes de produzir textos, imagens e respostas com elevado grau de fluidez e aparência de confiabilidade. Contudo, tais sistemas apresentam limitações relacionadas à precisão informacional, podendo gerar conteúdos plausíveis do ponto de vista linguístico, mas incorretos do ponto de vista factual, fenômeno este conhecido como “alucinação algorítmica”.

Sob essa perspectiva, estabelece-se um paralelo entre os desafios históricos da construção do conhecimento e os desafios contemporâneos da mediação algorítmica da informação. Assim como os relatos históricos estavam sujeitos às limitações humanas de interpretação e memória, os sistemas de IA também podem produzir imprecisões decorrentes de limitações dos modelos computacionais ou da qualidade dos dados utilizados em seu treinamento. Em paralelo, essas tecnologias também podem ser



utilizadas intencionalmente para manipulação informacional e construção de narrativas destinadas a influenciar opiniões e comportamentos.

Diante desse cenário, este estudo se propôs a analisar de forma qualitativa, exploratória e descritiva por meio de uma revisão bibliográfica integrativa, fundamentada em produções científicas recentes (2002–2026), os principais desafios associados ao uso da Inteligência Artificial no contexto educacional, com ênfase na crescente crise de verificação das informações entre estudantes. Buscou-se discutir aspectos relacionados à confiabilidade das respostas geradas por sistemas de IA, à ocorrência de conteúdos imprecisos e aos impactos dessas tecnologias na formação do pensamento crítico. Pretendeu-se ainda compreender de que maneira o acesso ampliado à informação pode contribuir simultaneamente para a expansão do conhecimento e para a disseminação da desinformação, evidenciando a necessidade do fortalecimento das competências informacionais, midiáticas e do letramento digital crítico no ambiente escolar.

1.1 A EDUCAÇÃO E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Sob a perspectiva histórica de Bittar (2009), a educação configura-se como uma das práticas mais antigas da humanidade. Em seus primórdios, o processo educativo ocorria de forma orgânica e dinâmica, no qual os grupos humanos transmitiam conhecimentos essenciais por meio das vivências e das interações cotidianas. A educação surgiu da necessidade de preservação cultural e social, fazendo com que cada sociedade desenvolvesse formas próprias de ensinar e aprender, condicionadas por aspectos econômicos, políticos, religiosos e culturais de seu tempo.

Os registros históricos demonstram que a educação acompanhou as transformações das sociedades ao longo dos séculos. Desde as primeiras formas de comunicação expressas nas pinturas rupestres até os sistemas formais de ensino das civilizações antigas, o conhecimento foi continuamente adaptado às necessidades humanas. Conforme destaca Maria de Lourdes Monaco Janotti (2010), a História é construída pela relação entre acontecimentos e fontes históricas, permitindo compreender criticamente as permanências e transformações que conectam passado e presente.

Durante a Idade Média, as práticas educativas assumiram características próprias do contexto histórico europeu. Grande parte da produção e circulação do conhecimento estava vinculada às instituições religiosas, especialmente aos mosteiros e à influência da Igreja Católica. Embora esse período tenha sido frequentemente interpretado como um momento de estagnação intelectual, Franco Jr. (2001) argumenta que a expressão “Idade das Trevas” resulta mais de interpretações posteriores do que da realidade histórica medieval. Segundo o autor, essa denominação expressa um olhar depreciativo construído sobretudo a partir dos ideais do Renascimento e da valorização da Antiguidade Clássica.



Ao longo dos séculos seguintes, especialmente com as transformações científicas, industriais e tecnológicas, a educação passou por mudanças estruturais que ampliaram gradativamente o acesso ao conhecimento. Na contemporaneidade, esse processo foi intensificado pelo desenvolvimento das tecnologias digitais, pela expansão da internet e pela criação de ambientes virtuais de aprendizagem. Como observa Kenski (2007), essas mudanças alteraram significativamente as relações entre professores, estudantes e conhecimento, tornando os processos educativos mais conectados e dinâmicos.

Nesse cenário de transformação tecnológica, a Inteligência Artificial (IA) passou a ocupar espaço crescente na educação contemporânea. Diferentemente da ideia de substituição dos métodos tradicionais, a IA apresenta potencial para complementar práticas pedagógicas já consolidadas, oferecendo novas possibilidades de personalização do ensino, ampliação do acesso à informação e diversificação das experiências de aprendizagem. Pereira (2018, p. 197–273) destaca que a integração das tecnologias ao ambiente educacional deve ocorrer de forma articulada às práticas pedagógicas, favorecendo processos formativos mais alinhados às demandas sociais atuais.

Entretanto, os avanços tecnológicos que ampliaram o acesso ao conhecimento também produziram novos desafios educacionais. A circulação acelerada de informações no ambiente digital tornou o acesso ao conteúdo mais democrático, permitindo que estudantes alcancem diferentes fontes de aprendizagem em tempo real. Ao mesmo tempo, esse cenário favoreceu a disseminação da desinformação, impulsionada pela rapidez de compartilhamento e pela ausência de verificação crítica das informações.

Diante desse contexto, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2024) publicou orientações sobre o uso da IA generativa na educação, alertando para os riscos que essas ferramentas podem representar aos valores humanos fundamentais e à qualidade da informação. O documento destaca que sistemas de IA podem atuar como fontes rápidas de consulta, porém nem sempre confiáveis, exigindo dos estudantes competências relacionadas à análise crítica, validação de fontes e responsabilidade digital.

Nesse sentido, o desafio contemporâneo da educação não está em rejeitar a Inteligência Artificial, mas em incorporá-la de forma crítica, ética e consciente ao processo educativo. Para a Educação Básica, a IA deve ser compreendida como instrumento de apoio à construção do conhecimento e ao desenvolvimento da autonomia intelectual, sem substituir o pensamento crítico, a criatividade e o protagonismo humano. O futuro da educação depende, portanto, da capacidade de equilibrar inovação tecnológica e formação crítica, preparando os estudantes para atuar de maneira responsável em uma sociedade cada vez mais marcada pela produção e circulação de informações digitais.



1.2 DESINFORMAÇÃO E OS *SMARTPHONES* COMO RECEPTORES

O século XXI trouxe inúmeras facilidades, sendo o *smartphone* a principal delas. Esse "minicomputador" de bolso permite acessar qualquer informação instantaneamente. Historicamente, a evolução na disseminação do conhecimento reflete as grandes transformações humanas: no século XV, a invenção da imprensa democratizou o acesso à leitura; hoje, vivemos um fenômeno paralelo com a integração da Inteligência Artificial (IA) aos celulares. Contudo, assim como no passado, a velocidade na distribuição da informação traz de volta o mesmo desafio: garantir a confiabilidade do que é produzido.

Na década de 1440, Johannes Gutenberg revolucionou a Europa ao desenvolver um sistema tipográfico mecânico que permitiu a produção de texto em larga escala, conforme Briggs e Burke nos relatam (2006, p. 27-35). Esse avanço tecnológico barateou o custo dos livros, fazendo com que mais pessoas tivessem acesso ao conhecimento, retirando-o do controle exclusivo da Igreja e expandindo o alcance da informação. Na contemporaneidade, os *smartphones* funcionam como uma espécie de prensa moderna na vida dos estudantes da educação básica. Integrados a sistemas de IA generativa, esses aparelhos realizam uma distribuição de conteúdo instantânea e hiper personalizada, superando qualquer fronteira física ou geográfica (Santaella, 2023).

O historiador Yuval Noah Harari, em seu livro *Nexus* (2024), argumenta que a desinformação não é um fenômeno exclusivamente contemporâneo. O autor destaca que, após a invenção da imprensa de tipos móveis por Johannes Gutenberg no século XV, a circulação de informações tornou-se mais rápida e abrangente. Como exemplo, Harari menciona o livro *Malleus Maleficarum* (O Martelo das Bruxas), publicado em 1487, que contribuiu para a disseminação de crenças e acusações relacionadas à bruxaria. Essas ideias alimentaram perseguições que resultaram na condenação e morte de milhares de pessoas, sobretudo mulheres, em diferentes regiões da Europa. Esse episódio histórico demonstra que novas tecnologias de comunicação podem ampliar tanto a difusão do conhecimento quanto a propagação de informações falsas ou enganosas.

De forma semelhante, os *smartphones* e as redes digitais da atualidade podem favorecer o acesso à informação, mas também podem intensificar a circulação da desinformação quando utilizados sem critérios éticos e sem a necessária verificação das fontes. Nesse sentido, os desafios observados no passado adquirem novas dimensões no contexto das tecnologias digitais contemporâneas, especialmente com o avanço da IA integrada aos dispositivos móveis e às plataformas digitais.

Se por um lado a IA nos celulares facilita o acesso rápido a conteúdos educativos, traduções e explicações dinâmicas, por outro, ela funciona em uma velocidade e escala que desafiam a capacidade crítica dos jovens. Os algoritmos das redes sociais e dos mecanismos de busca são desenvolvidos para aumentar o engajamento, muitas vezes priorizando conteúdos de teor sensacionalista ou emocional (Zuboff, 2021). E nesse contexto, a desinformação se espalha rapidamente entre os estudantes. Diferentemente das



transformações mais lentas da era tipográfica, a IA atual possui a capacidade não apenas de distribuir, mas também de gerar desinformação sintética altamente convincente como: *deepfakes* e textos simulados. Dificultando a distinção entre fatos reais e produções simuladas (Fórum Econômico Mundial, 2024).

Tornando esse cenário ainda mais complexo, o *smartphone* consolidou-se como o principal vetor dessa propagação massiva devido à sua natureza de acesso imediato, portátil e ininterrupto na rotina dos jovens. Dados da pesquisa TIC Domicílios revela que cerca de 60% dos usuários brasileiros acessam a internet exclusivamente pelo telefone celular, estabelecendo uma relação de conectividade contínua que, por sua vez, afeta diretamente a postura analítica diante do que é consumido: o mesmo estudo aponta que apenas 37% dos indivíduos que navegam unicamente por dispositivos móveis costumam checar a veracidade das informações que encontram na rede (Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2023).

Diante desse cenário, torna-se evidentes que os desafios relacionados à desinformação acompanham historicamente os avanços nos meios de comunicação, assumindo novas configurações conforme as transformações tecnológicas de cada época. Se a imprensa de Gutenberg ampliou o alcance das ideias no século XV, os *smartphones* potencializados pela IA expandem, em escala sem precedentes, a produção, circulação e o consumo de informações no século XXI. Nesse contexto, a formação de competências relacionadas à educação midiática e informacional revela-se indispensável para que os estudantes desenvolvam habilidades de análise crítica, verificação de fontes e avaliação da credibilidade dos conteúdos digitais. Conforme destaca a UNESCO, a educação midiática constitui um instrumento essencial para fortalecer a cidadania digital e promover o uso responsável das tecnologias da informação. Assim, mais do que restringir o acesso às inovações tecnológicas, o desafio contemporâneo consiste em preparar os indivíduos para utilizá-las de maneira ética, crítica transformando o acesso à informação em conhecimento confiável e socialmente relevante (UNESCO, 2023).

1.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar, por meio de revisão bibliográfica, os principais desafios associados ao uso da Inteligência Artificial no contexto educacional, com ênfase na crescente dificuldade de verificação das informações entre estudantes. A partir dos estudos analisados, observou-se que, embora o acesso ampliado à informação represente oportunidades importantes para a democratização do conhecimento e para a inovação pedagógica, também intensifica a circulação de conteúdos imprecisos, descontextualizados ou potencialmente enganosos, exigindo novas formas de mediação educativa.

Os resultados indicam que a Inteligência Artificial Generativa apresenta potencial para apoiar processos de ensino e aprendizagem, ampliando possibilidades de pesquisa, personalização e acesso ao conhecimento. Entretanto, sua utilização demanda atenção quanto à confiabilidade das respostas produzidas, especialmente diante da ocorrência de erros factuais, simplificações excessivas e conteúdos



gerados sem critérios claros de validação. Nesse sentido, torna-se indispensável fortalecer práticas de verificação das informações e estimular o desenvolvimento do pensamento crítico no ambiente escolar.

Diante desse cenário, evidencia-se que o letramento digital crítico e as competências informacionais e midiáticas assumem papel central na formação dos estudantes. Mais do que utilizar tecnologias, torna-se necessário desenvolver capacidades de interpretar, selecionar, confrontar e avaliar informações em diferentes contextos digitais. Assim, a escola e os educadores passam a atuar como mediadores na construção de uma cultura de uso consciente, ético e reflexivo da IA.

Como limitação deste estudo, destaca-se o fato de a análise ter sido desenvolvida exclusivamente por meio de revisão bibliográfica, sem investigação empírica em contextos escolares específicos, o que restringe a observação direta das práticas e percepções de estudantes e professores sobre o uso dessas tecnologias.

Para pesquisas futuras, sugere-se a realização de estudos de campo que investiguem o impacto do uso da Inteligência Artificial na formação do pensamento crítico e nos processos de validação das informações na Educação Básica, bem como o desenvolvimento e avaliação de propostas pedagógicas voltadas ao fortalecimento do letramento digital crítico e das competências informacionais no contexto escolar.

Conclui-se, portanto, que os desafios relacionados à produção, circulação e validação das informações acompanham as transformações históricas dos meios de comunicação, assumindo novas configurações no contexto da Inteligência Artificial. Assim, o potencial educacional dessas tecnologias dependerá não apenas de seu avanço técnico, mas da capacidade da educação de formar sujeitos críticos, autônomos e preparados para interpretar e utilizar informações de forma responsável na sociedade contemporânea.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA

A utilização de ferramentas de Inteligência Artificial Generativa (IAG) ocorreu neste trabalho como recurso de apoio às atividades de escrita acadêmica, organização e revisão textual, correção ortográfica e gramatical, análise exploratória de informações, reestruturação de frases e parágrafos originalmente elaborados pelos autores, bem como para auxílio na tradução de textos acadêmicos e do resumo para a língua inglesa e espanhola. O uso dessas ferramentas ocorreu no período de 03 de abril de 2026 a 10 de junho de 2026.

Especificamente, foram utilizados o ChatGPT (OpenAI) e o Gemini (Google), exclusivamente como instrumentos de suporte ao desenvolvimento da pesquisa, sem substituição da autoria intelectual dos pesquisadores. Todas as contribuições geradas com auxílio da Inteligência Artificial foram submetidas à



revisão crítica, validação teórica, verificação das fontes e adequação metodológica pelos autores, que assumem integral responsabilidade pelo conteúdo final apresentado.

O uso da Inteligência Artificial ocorreu de forma ética, transparente e em conformidade com as diretrizes acadêmicas vigentes, não sendo empregada para a produção autônoma de resultados, conclusões, interpretações ou análises sem a devida supervisão humana. Os autores reafirmam seu compromisso com a integridade científica, a originalidade da pesquisa e a responsabilidade plena pela autoria e pelo conteúdo deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Raylla Maria Ferreira. **Smartphones e a distração acadêmica**: uma revisão da literatura. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/62495>. Acesso em: 2 abr. 2026.

AZAMBUJA, Celso Candido de; SILVA, Gabriel Ferreira da. Novos desafios para a educação na Era da Inteligência Artificial. **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 25, n. 1, p. 1–16, 2024. DOI: <https://doi.org/10.4013/fsu.2024.251.07>. Disponível em: <https://www.revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/27063>. Acesso em: 2 abr. 2026.

BARROS, Erika Costa Barreto Monteiro de *et al.* O impacto da dependência tecnológica em crianças e adolescentes no processo de ensino e aprendizagem escolar. In: SOUZA, Cristina de Fátima de Oliveira Brum Augusto de *et al.* (org.). **Diálogos interdisciplinares sobre o ensino e as perspectivas no mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2021. p. 54-70.

BITTAR, Marisa. **História da educação**: da antiguidade à época contemporânea. São Carlos: UFSCar, páginas 09-25 – 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p.89-91.

CABACINHA, Paulo Máximo de Castro. **Fake news e normatização (manuscrito)**: uma teorização sobre regulamentação do fenômeno, a partir do constitucionalismo digital brasileiro – UFMG. páginas 22-23 – 2025.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. A Idade Média: nascimento do Ocidente. In: MINOIS, George. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003. P. 17.

HARARI, Yuval Noah. **Nexus**: uma breve história das redes de informação, da Idade da Pedra à inteligência artificial. Tradução: Berilo Vargas e Denise Bottmann. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. P.38-39.

JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro Fontes históricas como fonte. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2010. p. 10.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2007, Páginas 43-63.



KHOURY, Juliana de Miranda. **Tradução, adaptação cultural e validação de uma versão brasileira do questionário Smartphone Addiction Inventory (SPAI) para o rastreamento de dependência de smartphone**. 2016. Dissertação (Mestrado em Medicina Molecular) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/65a7d812-ace9-40b7-8f03-4558995a556e>. Acesso em: 2 abr. 2026.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. P 51-54.

FARIAS, Mayara Wasty Nascimento de. Ética na produção e compartilhamento da informação: tensões a partir de uma perspectiva teórica. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 9, 2022. DOI: <https://doi.org/10.24208/rebecin.v9.345>

FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2010. p. 84.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (NIC.br). **92 milhões de brasileiros acessam a Internet apenas pelo telefone celular, aponta TIC Domicílios 2022**. São Paulo: NIC.br, 2023. Disponível em: NIC.br – TIC Domicílios 2022. Acesso em: 24 maio 2026.

PEREIRA, A. C. P. O uso da inteligência artificial na educação: possibilidades e limitações. **Revista de Inovação, Tecnologia e Educação**, São Paulo, v. 5, n. 1, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://revistaeixo.ifsp.edu.br/index.php/RTE/article/view/273/19>. Acesso em: 17 maio 2026.

SANTAELLA, Lucia. **Humanos hiperconectados: os caminhos da cibercultura**. São Paulo: Paulus Editora, 2023, p.42-58.

SANTOS, Luiza Manoelle dos. A dependência das IAs: estamos perdendo nossa capacidade de pensar? **Portal da UFSM**, 2025. Disponível em: <https://www.ufsm.br/pet/sistemas-de-informacao/2025/08/18/a-dependencia-das-ias-estamos-perdendo-nossa-capacidade-de-pensar>. Acesso em: 25 abr. 2026.

SEGURADO, Rosemary. O debate em torno da desinformação e das iniciativas de educação midiática. **Revista Parlamento e Sociedade**, v. 13, n. 24, p. 13-29, 2025. Disponível em: <https://parlamentoesociedade.emnuvens.com.br/revista/article/view/306>. Acesso em: 25 abr. 2026.

UNESCO. **Recommendation on the Ethics of Artificial Intelligence**. Paris: UNESCO, 2024 Disponível em: <https://www.unesco.org/en/legal-affairs/recommendation-ethics-artificial-intelligence>. Acesso em: 17 maio 2026.

WARDLE, Claire. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking**. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Risks Report 2024**. 19. ed. Genebra: World Economic Forum, 2024. Disponível em: Global Risks Report 2024 PDF. Acesso em: 18 maio 2026.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021, p. 195-203.